

## *A crítica marxiana à “economia de conceitos” de Adolph Wagner*

*Antônio José Lopes Alves\**

### **Resumo:**

No presente artigo se expõe sumariamente, por meio do exame de um de seus exemplos – o texto *Glossas marginais ao tratado de economia política de Adolf Wagner* –, alguns dos aspectos principais do *modus* característico da cientificidade marxiana, exercitada nas obras da fase madura e dedicada à *crítica da economia política*. Nosso objetivo é deixar evidenciado, com o máximo rigor possível, o fato de que o exame crítico do mundo do capital realizado por Marx se efetiva enquanto uma analítica das formas de ser, ou seja, como uma análise das categorias, entendidas como *formas de ser* da efetividade, *Daseinsformen*, e não puras figuras conceituais. Tentaremos mostrar que este traço distintivo e essencial do padrão científico da obra marxiana dá forma e dirige a elucidação dos nexos essenciais do modo de produção capitalista, tanto da sua realidade objetiva quanto de sua expressão ideal. Igualmente distante de qualquer tipo de *deducionismo* lógico como de um empirismo, a analítica marxiana identifica as categorias teoricamente articuladas como resultado da captação intelectual das formas de ser da realidade. O que pode ser evidenciado no teor e no procedimento da leitura crítica feita por Marx da propositura de Adolph Wagner. No curso do exame em questão a analítica marxiana desnuda não apenas as insuficiências do autor supracitado, mas demarca as diferenças essenciais com relação à concepção do objeto – a moderna produção capitalista – e suas determinações, bem como em referência ao modo de abordá-lo, consequência direta daquela.

### **Palavras-chave:**

Marxologia; Crítica da Economia Política; Categoria; Valor.

## *Marxian Critique of Adolph Wagner’s “Economics Concept”*

### **Abstract:**

*Through a close analysis of Marx’s Glosses criticism of the political economy of Adolf Wagner, the article briefly sets out a good example of the main characteristic modus of marxian scientificity, developed in his works of maturity dedicated to the critique of political economy. The goal is to stress to the maximum extent as possible the fact that the critical examination of the world of capital held by Marx is accomplished as an analytics of the forms of being, as an analysis of categories. Those categories are defined as reality’s forms of being (Daseinsformen) and not as pure conceptual figures. It is shown that this distinctive and essential scientific standard of the Marxian work forms and directs the understanding of the essential nexus of capitalist mode of production, both in its objective reality and in its ideal expression. Far from any kind of logical deduction or logical empiricism procedures, analytical Marxian theory identifies the categories articulated as a result of intellectual abstraction of reality’s forms of being. This can be evidenced by the content and procedure of reading Marx’s criticism of Adolph Wagner’s propositions. The Marxian analytics bears not only the shortcomings of the this author, but indicates the essential differences regarding the design of the object – the modern capitalist production – and its determinations, and regarding the way to approach it, the second being a direct consequence of the first.*

### **Key words:**

Marxology; Critique of Political Economy; Category; Value.

---

\* Graduado e mestre em filosofia pela UFMG. Doutorando em filosofia pela Unicamp. Professor de filosofia do Coltec-UFMG.

## I

Em nossa apresentação, exporemos sumariamente, por meio do exame de um de seus exemplos – o texto *Glosas marginais ao tratado de economia política de Adolf Wagner* –, o *modus* característico da cientificidade marxiana, que conforma as obras da fase madura, dedicada à *crítica da economia política*. Igualmente, pretende-se explicitar como a exercitação desse padrão de investigação científica inaugurado pela posição teórica de Marx permite-lhe examinar e avaliar as diversas proposituras que pretenderam, em alguma medida, destrinchar conceitualmente o conjunto de categorias que perfazem o modo de produção do capital.

O objetivo é deixar evidenciado, com o máximo rigor possível, o fato de que o exame crítico do mundo do capital realizado por Marx se efetiva enquanto uma análise das formas de ser. Como uma análise das categorias, entendidas como *formas de ser* da efetividade, *Daseinsformen*, e não puras figuras conceituais. Tentaremos mostrar que este traço distintivo e essencial do padrão científico da obra marxiana dá forma e dirige a elucidação dos nexos essenciais do modo de produção capitalista, tanto da sua realidade objetiva quanto de sua expressão ideal, bem como faculta estabelecer aproximações críticas das produções ideais que tinham por objeto a realidade social. Crítica analítica e compreensiva, que visa a esclarecer não apenas as inconsistências discursivas e epistêmicas, mas indicar ao mesmo tempo o caráter expressivo – como formação ideal socialmente determinada – das demais proposições de seu tempo; no caso, o discurso wagneriano acerca das categorias da economia política, sendo o problema do *valor* o elemento central da discussão.

O texto marxiano em questão, redigido em 1880, constitui-se num dos últimos testemunhos textuais da forma pela qual a crítica da economia política foi elaborada e revisitada posteriormente por seu autor. Fazendo parte de cadernos de anotações e glosas de escritos de outros teóricos da economia, as *Glosas marginais ao tratado de economia política de Adolph Wagner* se colocam dentro dos marcos da forma típica de trabalho de Marx. Tipo de produção que jamais se furtou ao confronto crítico com as demais posições, aqui com uma dada avaliação de sua própria obra maior, *O capital*. Desde a revisão crítica da *filosofia hegeliana do direito*, em 1843, passando pelos famosos *Manuscritos de 1844* e os materiais que fariam parte dos *Grundrisse* e de *As teorias do mais-valor*, foi sempre uma característica do pensamento marxiano a apreciação crítica cuidadosa, rigorosa, das diversas postulações científicas e filosóficas existentes. A qual teve por pressuposto igualmente preponderante o estudo detido e minucioso de escritos e obras, cuja montanha de transcrições e citações são a mais clara evidência. E isso mesmo em se tratando de um autor que poderíamos qualificar de menor monta, como Adolph Wagner, frequentemente qualificado por Marx,

no decorrer do texto, de *Dunkelman*, homem confuso, *vir obscurus*. Adolph Wagner que, fortemente influenciado por Carl Rodbertus, publica seu *Lehrbuch der Politischen Ökonomie* na década de 1870, no qual pretende, além de expor suas próprias concepções, criticar aquelas de Marx, contidas em *O capital*.

É interessante notar que, nesse movimento de exame crítico, Marx, ao mesmo tempo em que indica as principais lacunas ou fragilidades que, a seu ver, caracterizam a posição de Wagner, cuida de explicitar com mais detalhamento os pressupostos ou pontos principais de sua própria teorização. Desse modo, da questão do que se constitui a análise da forma da mercadoria, empreendida no Livro I de *O capital*, até as considerações sobre os problemas atinentes à circulação, passando, obviamente, pelo tema da substância do valor, os principais complexos categoriais tratados na crítica da economia política aparecem nas glosas a Wagner.

E não apenas isso: no escrito em tela aparece também a retomada de seus posicionamentos críticos acerca da especulação filosófica<sup>1</sup>, que substancializa as categorias, transformando-as em formas ideais puras e autônomas, cujo movimento de determinação se expressaria teoricamente, como cerne racional da efetividade mesma. Coisa esta que se realiza em Wagner naquilo que Marx denomina ironicamente de “*economia de conceitos*” (*Begriffswirtschaft*) (Marx, 1962, p. 364), diferenciando-a claramente das versões anteriores da economia política, as quais, ressalvadas as deficiências e as insuficiências nelas existentes, mantinham o compromisso com a tentativa de explicitação das categorias mais decisivas do complexo da produção. Nas mãos dos clássicos da recém-fundada ciência econômica, a realidade social era analisada e desmontada num conjunto de *abstrações* que, não obstante a construção sistemática superficial da qual se tornavam elementos, de certo modo expressavam determinações da efetividade, e não apenas conceitos encadeados por uma lógica meramente linguística (Marx, 1983, pp. 34-5). Evidentemente, faltavam àquelas aproximações o que Marx denominava *Reise nieder rückwärts – viagem de volta –*, no curso da qual a operação cognitiva, sempre entendida como uma relação efetiva de um ente real com a objetividade examinada, mediada por uma capacidade socialmente desenvolvida, daria consistência ôntica às abstrações colhidas pela análise. Coisa que a propositura de Wagner nem de longe se habilitava em fazer.

## II

Iniciando a apresentação das posições de Marx acerca de sua própria teorização, cabe-nos referir, a esse respeito a sua observação de que, “para mim, nem o ‘valor’

---

<sup>1</sup> Acerca da importância decisiva da posição crítica, de natureza ontológica, de Marx frente à especulatividade filosófica, em especial à hegeliana, para a constituição de seu próprio pensamento, remetemos ao trabalho de exame da questão da formação realizado por J. Chasin (2009, em particular pp. 39-85).

nem o ‘valor de troca’ são sujeitos, senão a mercadoria (*daß weder ‘der Wert’, noch, ‘der Tauschwert’ bei mir Subjekte sind, sondern die Ware*)” (Marx, 1962, p. 358). Ou seja, na teoria marxiana, o sujeito efetivo, real, concreto, não é, pois, a categoria valor, nem nenhuma outra, mas a mercadoria. A analítica não parte de conceitos puros, das categorias como puras formas ideais, mas da efetividade da própria produção da vida humana, que se realiza na forma da mercadoria. Dessa maneira, a teorização arranca daquilo que Marx denomina de *Konkretum der Ware*, do *concretum* da mercadoria, de uma dada forma objetiva de entificação da riqueza, característica do capital. Ao contrário, por conseguinte, do modo wagneriano de (des)entender *O capital*, segundo o qual *valor de uso* e *valor de troca* seriam dois conceitos obtidos por dedução (*Ableitung*) ou divisão de outro mais geral, o conceito de valor. Ao lado da objeção, irônica, do procedimento típico dos “professores alemães”, os quais nada mais fazem, como uma versão das mais pedestres da especulação filosófica em geral, que manobrar conceitos como meros termos linguísticos, Marx fornece então uma descrição do seu próprio modo de proceder a análise. Marx não parte, pois, do *Wertbegriff* para determinar valor (e valor de troca como sua forma de aparição) e valor de uso, mas do “*Konkretum der Ware*”, do *concreto da mercadoria*, dum ente dado em sua forma de ser específica e finita, dum *Dasein*, do atualmente existente, daquilo que é no mundo, para desvendar suas especificidades, sua *differentia specifica* frente aos demais entes ou modos de entificação social.

Ponto importante esse porque repõe, pela pena do próprio Marx, uma questão crucial para o correto entendimento da crítica da economia política, aquele referente ao *ponto de partida* da teoria:

*De prime abord*, como eu não parto de conceitos, portanto também não do “conceito de valor”, não tenho, por isso, de modo algum de “dividi-lo”. Eu parto do que é a forma social a mais simples em que se apresenta {*sich darstellt*} o produto do trabalho na sociedade atual, e esta é a mercadoria. Eu a analiso, e certamente antes de tudo na *forma na qual ela aparece* {*in der Form, worin sie erscheint*}. Aqui, então, eu descubro que ela é, por um lado, em sua forma natural, uma *coisa de uso* {*Gebrauchsding*}, ou seja, é *valor de uso*; por outro lado, *portador de valor de troca* {*Träger von Tauschwert*}, e sob este mesmo ponto de vista {*Gesichtspunkt*} “valor de troca” (Marx, 1962, pp. 368-9).

Tal é o posicionamento marxiano acerca do *Ausgangspunkt*. Assim sendo, já que Marx, diferentemente da especulação, não parte de conceitos, das formas do pensar, expressões ideais da realidade, tomadas em sua aparente pureza e autonomia, ele o faz das formas de ser da efetividade, tal qual esta se apresenta na própria realidade. Apresentação esta que é, evidentemente, *aparencial*, formas imediatas de aparecer de entes, relações e processos. Na exata medida em que o ponto de partida marxiano se revela como sendo a coisa mesma, *in der Form, worin sie erscheint*, busca-se a delimitação

tação cada vez mais precisa dos elementos que perfazem a entificação social examinada. É isto o que diferencia a teoria das formas de ser de uma versão empirista de saber, na qual o modo de aparecer é tomado ou reconhecido como o único aspecto a ser enfrentado ou mesmo como a *coisa* do conhecimento, como nas versões fenomenológicas. Não se trata, por outro lado, de uma investigação pré-formatada por um método, no sentido gnosiológico do termo, mas, antes, tem-se aqui o exercício de uma analítica que decompõe a *coisa* em suas determinações essenciais. Rumo de cognição, de apreensão mental e discursiva do real na qual, por pressuposição necessária, parte-se do ente/processo tal qual este se dá na imediaticidade, em suas imediatas finitude e textura, na direção do descortino do tecido ôntico constituído pelos fios categoriais e pela trama urdida pela articulação destes. Regra de ciência, não método no sentido usual, presidida pela obediência à objetividade irreduzível da *coisa* a ser conhecida e explicada. Subsunção que funda a atividade de conhecer no próprio objeto a ser explicitado, e não numa metodologia qualquer. A ausência de uma eleição metodológica *a priori*, ao contrário de ser uma lacuna, uma falha, ou, dito numa lavra mais “generosa”, um aspecto não explicitado da teorização marxiana, constitui, por assim dizer, o seu núcleo.

Nesse contexto, é teoria da coisa construída sob o mando da própria coisa, a qual é analisada, dissecada, separada, decomposta em seus múltiplos e diversos e, até mesmo, opostos aspectos, a qual a toma como ela mesma “se dá” na realidade social. Partindo daí, por meio do conjunto de atos da analítica que, miudamente, decompõe-na em seus elementos, na forma de abstrações, para, numa posterior etapa de reconstrução, apresentá-la como um todo de determinações que a delimitam como ente, ou processualidade, específica, na forma de um todo pensado. Conjunto de operações que distinguem as partes constitutivas da coisa umas das outras e, na sequência, identifica o nível de determinações preciso em que cada uma delas se encontra na particularidade da sua própria existência atual, p. ex., a relação, expressiva, entre valor de troca e valor, bem como o caso da delimitação do campo de ação do valor de uso no interior da forma mercadoria, o qual é necessariamente subsumido ao valor, não em razão de uma predileção acadêmica, de um preconceito científico ou de um enquadramento metodologicamente balizado, mas em função do quadro de relações categoriais, que é circunscrito pela existência concreta da própria coisa. A esse respeito, os termos são inequívocos: *eu descubro (finde ich)*, *apercebo-me (zielt mir)* e outros, os quais denunciam essa espécie de *submissão ativa* à coisa examinada. Repõe-se aqui a observação marxiana de 1857, segundo a qual o objeto existe tanto na cabeça quanto na realidade objetiva, não sendo ele mesmo, enquanto concretude de determinações, criação do ato de pensar ou da prática analítica. A coisa *in der Form*,

*worin sie erscheint* é, mesmo nesse nível imediato, um todo de determinações, ainda que não percebidas, ou tão-somente apreendidas ao modo da *representação caótica do todo*. O que reafirma, ademais, o caráter eminentemente materialista e imanentista da concepção marxiana de saber. A mercadoria, tal qual ela aparece, não é uma pura conjunção de pontos aleatórios ou de “percepções” subjetivas a que o método dá forma e substância, mas é ela mesma a *konkrete gesellschaftliche Gestalt des Arbeitsprodukts* (*figura social concreta* do produto do trabalho). Diversamente de uma “economia de conceitos puros” ou de *puros conceitos*, construção na qual as categorias, entendidas como formas ideais autônomas, encadear-se-iam sob o mando de um método ou de um enquadramento formal, lógico, a teorização marxiana pretende, ao elucidar a forma de ser da mercadoria, a forma elementar sob a qual a riqueza existe e se apresenta no mundo do capital, desvendar as determinações essenciais desta mesma forma, entre as quais o valor, que constitui o *übergreifende Moment* da mercadoria.

Por conseguinte, é igualmente decisivo ressaltar que não é adequado, portanto, inquirir acerca de qual categoria, em *última instância*, desempenharia o papel de princípio teórico ou conceito basilar do “sistema” marxiano, seja o valor, seja o trabalho. Em primeiro lugar porque, conforme o próprio Marx o declara logo no início de suas glosas, acerca da pretensa centralidade da categoria valor em seu “sistema”, “como eu nunca elaborei (*aufgestellt habe*) um ‘sistema socialista’, então isso é uma fantasia de Wagner, Schäffle e *tutti quanti*?” (Marx, 1962, p. 357). O que não significa a ausência de pressupostos, evidentemente, mas os coloca num registro diferente em relação ao *modus* usual da filosofia e da cientificidade tradicionais. Não há propriamente uma pressuposição metodológica que dirija imperiosamente o rumo e ritmo da análise, mas vigora o reconhecimento da necessária independência da coisa analisada e de sua contextura ontológica, seu ser efetivamente dado, presente, o qual exige o desvendamento da articulação de suas determinações que o fazem ser exatamente o que é, por assim dizer, síntese de determinações do existente.

Em segundo lugar, e pisando num terreno que se tornaria minado após a sua morte, Marx afasta com igual veemência a atribuição à sua teoria de uma lógica, em sentido estrito, que enforme a relação de valor e suas formas. Em realidade, na relação de valor, a contradição entre valor e valor de uso, a mercadoria representa, como valor de uso concreto, um algo de diverso, em seu preço, uma *Ercheinungsformen* de seu valor, um algo de comum. Somente seria o caso de uma mera operação lógica, um procedimento epistemologicamente fundado, se não se partisse da “coisa social (*sozialen Ding*) da ‘mercadoria’”, e deste modo então se trataria desses “conceitos se cindindo em si mesmos (duplicando-se), e em seguida debatendo-se sobre qual dos dois fantasmas é o verdadeiro Jakob!” (Marx, 1962, pp. 374-5). Desse modo, a ope-

ração especulativa converte atributos, traços, elementos, aspectos, determinações da realidade, que estão presentes em vários casos particulares histórico-concretos – o fato de os homens terem sempre de transformar a natureza, de apoderar-se dela, de tomá-la e torná-la adequada a si, por exemplo –, em uma universalidade absoluta *a priori*. Trata-se, aí, do nascimento filosófico do *Universal* em contraposição com a existência deste como caráter comum a várias coisas ou momentos histórico-sociais. A universalidade de determinações, longe de ter uma feição de *a priori* ou pressuposto, é, para Marx, um desenvolvimento histórico concreto que se deu, ou se dá, no e pelo próprio evoluir efetivo da interatividade histórica dos homens. O pensamento o captura, ou não, e o elabora na forma da categoria pensada; assim, o que era traço da realidade, nascido e mantido pelo próprio rumo concretamente seguido, torna-se conceito geral, e pode mesmo transmutar-se em universalidade abstrata, *a priori* e mística, quando se inverte teoricamente a linha de desenvolvimento e se a torna, então, expressão ou realização de uma essência lógica.

Logo, na especulação *wagneriana* não há lugar para a determinação objetiva:

De maneira nenhuma Wagner fala aqui do desenvolvimento das medidas efetivas *{wirklichen Maße}* desses bens, isto é, do desenvolvimento de suas medidas de grandeza, pois isto lembraria ao leitor que aqui pouco se trata daquilo que, como de costume, entende-se por “medida de valor”. O desenvolvimento da forma valor, no *vir obscurus*, não é a descrição analítica das formas de ser que a integram, mas, dentro do âmbito da economia de conceitos, é o exercício conceitual puro de articular termos abstratamente – “o suposto desenvolvimento” no *vir obscurus* se reduz [ou deságua ou derrapa] a “atar” *{anknüpfen}* e, de certo modo, a “desatar” *{Aufknüpfen}* (Marx, 1962, pp. 367-8).

Ao contrário, no modo de investigação marxiano, em que o *Ausgangspunkt* é a mercadoria, tal qual ela aparece, revelada na análise de suas determinações como unidade de valor de uso e valor, a cientificidade não estanca na simples posse teórica destas mesmas determinações, nem mesmo em sua articulação, contraditória, aparentemente lógica, mas aponta, a partir do “duplo ser da mercadoria” (*doppelsein der Ware*), o que o constitui como forma de ser, para a qual aquela duplicidade primeira é um modo de apresentação imediato da forma da própria atividade produtiva em sua especificidade histórico-social – o “dúplice (*zweifacher*) caráter do trabalho”. Ou seja, a analítica do *doppelsein* da mercadoria permite encontrar o caráter *dúplice* da própria forma de atividade que nela se objetiva, de um lado, trabalho útil, “*den konkreten Modi der Arbeiten*”, na criação de valor de uso, de outro lado, o trabalho abstrato, como puro dispêndio de força de trabalho, independentemente da maneira em que ela seja efetivamente gasta, em qualquer que seja o valor de uso no qual ela se objetive concretamente (Marx, 1962, pp. 370-1). É uma abstração teoricamente desenvolvida, sem dúvida, mas não epistemologicamente posta, pelas virtudes ou vícios de um

princípio *a priori*, lógico ou não, que dirija a analítica explícita ou implicitamente, e sim *na e pela* regência da própria efetividade da mercadoria, como desvelamento de aspectos que estão na coisa como determinação imanente de sua forma específica de ser. Daí a produtividade específica da analítica marxiana, que permite chegar à apropriação teórica de uma totalidade de determinações da efetividade, de *Daseinsformen*, inicialmente apreensíveis apenas na forma de uma representação imediata, caótica. Marcha de cientificidade na qual as categorias emergem como resultado de um exercício de análise, de distinção categorial, que exige como seu remate necessário a reconstrução pensada da articulação real, na qual as categorias configuram a própria coisa abordada. Reconstrução que deve, se se quer reprodução científica da efetividade, operada ao mando da própria coisa, ser estabelecimento da ordem de determinações que vigora no próprio ente ou processo enfrentado.

### III

Perfilado teórico assim constituído que faculta à posição marxiana elaborar críticas de detalhe à obra wagneriana. Marx nela identifica a presença de temas e problemas que já constavam da economia política, os quais já foram por ele objetados, entre eles, a *eternização das categorias do capital* como *categorias da produção em geral*. Concepção que abstrai da determinação particular a cada concreto modo de produção da vida humana, redundando na afirmação de uma validade ou de uma necessidade conceituais absolutas e trans-históricas para as categorias e daí também para suas *personae*. Sem a delimitação categorial rigorosa da particularidade, da *differentia specifica*, do capital – a *produção e expropriação de mais-valor* – não é possível apreender a natureza do nexos social moderno que interliga os indivíduos no âmbito da produção da vida. Tem-se, por conseguinte, ou bem a indeterminação histórica da relação ou bem a sua apreciação moral: “O que é uma ‘extração sobre o trabalhador’ {*Abzug am Arbeiter*}, uma extração de sua pele etc., não dá para imaginar. Ora, pois, em minha apresentação, o lucro do capital, não é de fato ‘uma simples extração’ ou ‘roubo’ sobre o trabalhador” (Marx, 1962, p. 359). Na analítica marxiana ao contrário, as *personae* características do modo de produção, as formas históricas de individuação, são momentos de determinação particular real dos indivíduos, os quais correspondem às formas de ser que conformam a produção social. Nesse sentido, a figura do capitalista é um

funcionário necessário à produção capitalista e mostro muito pormenorizadamente que ele não apenas “extrai” ou “rouba”, senão que constringe {*erzwingt*} à *produção do mais-valor*, por conseguinte, que ajuda primeiro na criação daquilo que vai extrair; eu mostrei depois disso que, mesmo quando na troca de mercadorias se trocam apenas equivalentes, o capitalista de pleno direito ganhou o *mais-valor*, isto é, dentro desse direito correspondente



ao modo de produção, após ter pagado o valor efetivo por sua força de trabalho (Marx, 1962, p. 359).

O que significa identificar a determinação categorial que preside a relação de produção, bem como seus partícipes, em função daquela que regula – não, propriamente, equilibra – a produção e o intercâmbio de mercadorias. Tal evidenciação, contudo, não implica a afirmação de que o *valor*, produto efetivo da produção capitalista, tenha o lucro como uma sua variável *constitutiva*, pois, na realidade, é este um elemento *post festum*.

Mas tudo isso não faz do “lucro capitalista” um elemento “constutivo” do valor, mas tão-somente prova que ele entra no valor “constituído” sem o trabalho do capitalista, que pode dele se apropriar “de direito” {*rechtlich*}, isto é, sem violar o direito correspondente à troca de mercadorias (Marx, 1962, p. 359).

A relação entre *capitalista* e *trabalhador assalariado* na propositura do *vir obscurus* perde sua determinação precisa na medida em que se converte, por meio da indistinção entre as funções sociais na produção – por meio da qual o capitalista igualmente *trabalharia* – em um conjunto de categorias cujo único nexos determinativo é aquele observado no nível aparential do intercâmbio de mercadorias por sujeitos livres e iguais.

Porquanto não apreenda, e muito menos examine, a particularidade efetiva do modo de produção capitalista, Wagner tem de refugiar-se numa teoria geral da natureza humana a fim de fundamentar a sua reflexão sobre o *valor* e a *produção do valor*. Por isso, nada mais natural que a referência ao *Homem* ou a uma concepção do homem *em geral* como alicerce de sua teoria econômica. Marx se volta contra esse procedimento com o rigor conceitual habitual:

O *homem*? Em se tratando aqui do “*homem*” como categoria, então ele não tem absolutamente “nenhuma” necessidade; quando o homem isolado {*vereinzelt*} confronta {*gegenübersteht*} a natureza, então ele é tomado {*anzufassen*} como um algo não-gregário {*Nicht-Herdentier*}; quando um homem numa forma de sociedade qualquer já dada – e é assim que o entende o Sr. Wagner, pois, “o” homem possui, senão uma formação universitária, ao menos uma linguagem –, então é preciso aduzir antes {*vorzuführen*} como ponto de partida {*Ausgangspunkt*} o caráter determinado desses homens sociais, isto é, o caráter determinado da comunidade em que ele vive, aqui, da produção, portanto seu *processo de ganhar a vida* {*Lebensgewinnungsprozess*} tem já algum caráter social (Marx, 1962, p. 362).

Posição abstrata que maneja as categorias isolando-as absolutamente da efetividade, transmudando-as em algo menos que noções gerais, em que uma suposta destinação inata ocupa o lugar da determinação categorial das formas concretas da produção historicamente dadas, na análise do valor. À valorização efetiva, como processo de produção do mais-valor, sobrepõe-se a *valorização* como *estimação subjetiva de valor das coisas*:

(...) É um impulso {*Bestreben*} natural do homem conseguir a clara consciência e compreensão da proporção havida entre os bens internos e externos, de um lado, e suas necessidades, de outro. O que é feito pela estimação {*Schätzung*}, (estimação do valor) {(*Wertschätzung*)}, através da qual atribui-se aos bens, ou melhor dizendo, às coisas do mundo exterior, um valor e este é medi-lo” (p. 46); e ele diz na p. 12: “Todos os meios para satisfazer as necessidades se chamam *bens*” (Marx, 1962, p. 362).

A qualidade própria das determinações histórico-sociais das diversas formas de sociabilidade, em sua *differentia specifica*, constitui o segredo que se deve deslindar para compreender-se a forma da produção em cada momento, bem como o modo como se dão consumo, apropriação e reprodução sociais da produção e as formas correspondentes de individuação e genericidade humanas – o específico *gesellschaftlichen Charakter* – da produção dos homens.

Crítica da especulatividade filosófica que propugna o retorno às coisas enquanto tais, ao modo particular efetivo de entes, processos e relações. Afirmação vigorosa do caráter de *por-si*, e não apenas de *em-si*, da efetividade, que tem como consequência a recusa resoluta das formas discursivas arrimadas na indeterminação ou na referência à universalidade pura tomada como sujeito. Outro não é o sentido da rejeição marxiana das concepções “*schlechthin*”, *por excelência, em geral*, advogadas por Adolph Wagner:

Um professor alemão de economia “tende naturalmente” a deduzir a categoria econômica “valor” de um conceito, e por essa via ele o renomeia, segundo “o uso alemão”, com o nome de “valor” por excelência {*Schlechthin*}, o que em economia política vulgarmente se chama “valor de uso”. O “valor” por excelência, uma vez encontrado, serve, por sua vez, para deduzir {*abzuleiten*} o “valor de uso” do “valor por excelência”. Tem-se apenas de deixar de fora {*fallen lassen*} o fragmento “de uso” para pôr o “valor” por excelência (Marx, 1962, p. 364).

Uma construção teórica que parte de uma indeterminação absoluta, de um puro abstrato, para daí extrair, por via especulativa, isto é, por meio de um esquema conceitual autonomamente postulado, a variedade de determinações da coisa, é um mero desdobramento terminológico – posto desse modo, Wagner parte então para “deduzir” daquele abstrato, “valor”, as determinações, “valor de uso” e “valor de troca”, não como aspectos essenciais da coisa mercadoria, mas como meros resultados da divisão de um conceito geral. Nesse particular, as considerações marxianas se dirigem à refutação da pretensão à ciência sustentada pela “economia de conceitos” (*Begriffswirtschaft*) de Wagner, ao denunciá-la como mera atribuição conceitual, sob a vigência de um esquematismo pretensamente (no caso em questão) lógico, em vez da determinação categorial, operada por uma analítica da forma de ser da riqueza no mundo do capital, tem-se uma dedução (*Ableitung*) especulativa. Procedimento

este utilizado por, entre outros, Rodbertus – apontado por Marx como verdadeiro inspirador de Wagner:

Mas o que fica ocultado por baixo dessas empoladas frases é a clara descoberta imortal de que, em todas as situações, o homem deve comer, beber etc. (nem ao menos se pode acrescentar: se vestir ou usar garfo e faca ou ter cama e habitação, pois isso não se dá *em todas as situações*); sucintamente, que ele deve em todas as situações se apoderar *{sich bemächtigen}* das coisas externas para satisfação de suas necessidades, que se encontram prontas na natureza ou prepará-las a partir do que é encontrado na natureza; nesse procedimento *{Verfahren}* que é realmente seu, ele sempre toma, portanto, certas coisas exteriores como “valores de uso”, isto é, ele as trata sempre como coisas concretas *{Gegenstände}* para seu uso; por isso, o valor de uso é para Rodbertus um conceito “lógico”; portanto, pois o homem deve também respirar, a respiração é também um conceito “lógico”, mas de maneira alguma um conceito “fisiológico”. No entanto, toda superficialidade de Rodbertus deságua em sua oposição entre os conceitos “lógico” e o “histórico”! Ele toma o “valor” (o econômico, em oposição ao valor de uso da mercadoria) apenas em sua forma de aparição, como *valor de troca*, e esse apenas aparece onde ao menos parte dos produtos do trabalho, dos valores de uso, funciona como “mercadoria”, o que não se dá no começo, mas, antes, em certo período do desenvolvimento social, e, portanto, em um estado determinado do desenvolvimento histórico, o *valor de troca* é tão-somente um conceito “histórico” (Marx, 1962, p. 375).

Flagra-se aqui o nascimento filosófico do *Universal* em contraposição com a existência deste como caráter comum a várias coisas ou momentos histórico-sociais. O que não obra senão em aparência para o aprofundamento analítico do desenvolvimento teórico, na medida em que, ao tomar o particular apenas e tão-somente como modo de existência aparente de uma pretensa entidade universal, considera unicamente o particular em seus modos aparentes de existência, sem penetrar no âmago das determinações que o perfazem. O valor de troca é considerado forma absoluta, e não aquilo que se revela na análise, uma modalidade relacional do valor, do algo em comum às diversas mercadorias. Na cientificidade marxiana, calcada na distinção entre o caráter determinativo e aparential das formas, a forma valor (*Wertform*) aparece como desenvolvimento do valor de troca. O *valor de troca* = “*notwendigen Ausdruckweise oder Erscheinungsform des Werts*”, modo de aparição necessário do valor, como este toma corpo nas efetivas relações de valor. A objetividade das trocas de mercadorias se reafirma como centro nevrálgico da analítica, na medida em que é o transcurso real do valor, o qual vige e ganha existência social positiva no ir e vir característico do *quiproquó* dos valores, dos produtos do processo imediato de produção/valorização. Valores que são, na sua multiplicidade mesma, e em razão dela, o ser real do valor. Nesse contexto, observa Marx “que os valores de troca (valor de troca sem ao menos dois não existe) representam alguma coisa que lhes é comum, totalmente independente de seus ‘valores de uso’ (isto é, aqui, de sua forma natural), a saber, o ‘valor’” (Marx, 1962, p. 358).

É importante notar a esse respeito que a especulatividade desemboca paradoxalmente num tipo de positivismo categorial, no qual o caráter aparential das formas de ser é tomado unilateralmente como o todo da determinação do objeto. *Nota bene*, o universal não é o ente, nem um ente, mas um aspecto, o mais determinativo dele, produzido pela existência efetiva das tramas categoriais que atam formas de interatividade humano-societária, no que se denomina *modo de produção da vida humana*. Modo de ser atualmente, de existir, que é sempre pluralidade, aberta no itinerário histórico real dos indivíduos sociais vivos e ativos.

Prossegue, então, Marx em sua exposição crítica asseverando que

Tivesse ele [Rodbertus] examinado mais longe o valor, teria descoberto que a coisa, o “valor de uso”, vale {gilt} apenas como objetivação concreta {Vergegenständlichung} do trabalho humano, como igual dispêndio de força de trabalho humana, e que, por conseguinte, este conteúdo se apresenta como caráter objetivo concreto {gegenständlicher} da coisa, como [caráter] que pertence {zukommt} a ela mesma objetivamente, qualquer que seja esta objetividade na qual ela não apareça (a qual, entretanto produz {macht} uma necessária forma valor particular). Ele teria, portanto descoberto que o “valor” da mercadoria exprime somente, em uma forma historicamente desenvolvida, o que existe igualmente em outras formas históricas de sociedade, quando também sob outras formas, a saber, o caráter social do trabalho, caso ele exista como dispêndio de força de trabalho “social” (Marx, 1962, p. 375).

Nesse sentido, o valor existe como “*gegenständlicher Charakter der Sache*” – a “coisa”, o produto do trabalho então como “*Vergegenständlicher menschlicher Arbeit*”, “como caráter que pertence (*zukommt*) a ela mesma objetivamente”. O valor é uma determinação, um dado caráter social das coisas como mercadoria, a ela é imanente. Logo, como caráter social da objetivação do trabalho, o valor das mercadorias é tão-somente uma determinação histórica particular, de uma dada época, de um algo que caracteriza a atividade humano-societária como tal, o seu caráter social específico, o modo pelo qual as diversas formas, as variadas determinações se encontram articuladas como modo determinado de produção social da vida humana. No momento presente, o modo de produzir determinado pelo pressuposto de valorização do capital, de produção de mais-valor por meio da produção de valor de uso, o que evidentemente, em muito difere do observado em outras formas históricas de interatividade social.

Ao lado disso, há que ressaltar, sucintamente, dois outros problemas importantes que aparecem abordados na crítica marxiana e que serão fontes de mal-entendidos graves na história do marxismo: a questão da existência de uma lógica subjacente à crítica da economia política e aquela referente à relação do *lógico* e do *histórico* em *O capital*. Em primeiro lugar, há a apreciação crítica marxiana acerca da postulação de uma lógica, em sentido estrito, que enforme a relação de valor e suas formas, que se

realiza como uma crítica do logicismo. Na realidade, na relação de valor, a contradição entre valor e valor de uso, a mercadoria representa, como valor de uso concreto, um algo de diverso, em seu preço, uma *Ercheinungsformen* de seu valor, um algo de comum. Não se trata da afirmação duma lógica operativa de caráter metodológico ou gnosis-epistêmico, mas da expressão conceitual de relações efetivas de valor, as quais apontam, como seu elemento de regulação, o valor – um dado *quantum* de tempo social de interatividade – contido ou realizado nas mercadorias. Em segundo lugar, observa-se no *modus operandi* wagneriano a conversão das categorias em sua abstrata simplicidade em conceitos lógicos em oposição aos históricos. As categorias são encaradas e manejadas como puras formas do pensar, de cunho metafísico ou epistemológico, e não como formas de captação e expressão de *Daseinsformen* efetivas, e assim confrontadas à descrição histórica das relações e de modos de organização da produção. Seria essa, talvez, a origem remota da mal posta controvérsia entre o lógico e o histórico em *O capital*?

Ao modo especulativo de tratamento da questão por Wagner, Marx objeta, chamando a atenção para a natureza objetiva, conquanto sua historicidade, da relação produtiva que converte a naturalidade em objeto de trabalho e, quando produto da atividade, em valor de uso. Uma conexão real que liga o ente social humano ao objeto, ao menos potencial, de seu carecimento. O *bem* como categoria econômica efetiva é anterior à sua posição como item contábil. É o resultado da dupla apropriação da natureza pelos homens no curso de sua produção. Processo no qual se inclui, indubitavelmente, o reconhecimento da adequação ou não dos entes naturalmente dados ou daqueles já resultados de uma produção anterior para o preenchimento do multiverso das necessidades humanas. Nesse sentido, acrescenta Marx que

Substituamos na primeira frase a palavra “bem” pelo conteúdo conceitual wagneriano e torna-se então: “É *impulso natural do homem* a obter a clara relação entre ‘os meios internos e externos à satisfação de suas necessidades’ e suas próprias necessidades”. Podemos simplificar um pouco essa frase omitindo “os meios internos”, como o Sr. Wagner o faz “respectivamente” na frase seguinte (Marx, 1962, p. 358).

Crítica da especulatividade que reata com clareza insofismável com aquela exercitada no período formativo do pensamento marxiano, dirigida contra a de talhe hegeliano e congêneres, que confirma a decisiva centralidade da *resolução ontoprática* da questão do *fundamento* da teoria em Marx. Reafirmação do caráter próprio da reflexão marxiana, o qual infirma a posição mesma de uma querela da *fundamentação* com relação à crítica da economia política. Tendo por fundamento o terreno do ontoprático, a analítica parte, ao contrário do que o fazia o *Professoralschulmeister* Wagner, do reconhecimento do caráter prático, antes que teórico, da relação dos homens com a

natureza – “*also durch die Tat begründete Verhältnisse*”. Como em *Die deutsche Ideologie, o primeiro ato histórico*, pelo qual os homens se põem como tais no mundo, é exatamente o ato da sua própria produção objetiva, concreta, material. A apropriação objetiva da natureza como meio de vida, a transformação material do mundo em mundo socialmente configurado. Daí a reafirmação da precedência ontológica do ser, tanto dos homens concretos vivos e ativos quanto do da naturalidade, em relação às formas ideais de apropriação de mundo, a linguagem, por exemplo – e isto determinando um duplo caráter da própria linguagem. Expressão, representação (*drückt durchaus nur aus als Vorstellung*), é aquela também apresentação do ser social dos homens (*nämlich daß den in einem gewissen gesellschaftlichen zusammenhang bereits lebenden Menschen*). A linguagem não é, pois, marxianamente, fundante da humanidade, uma vez que esta pressupõe a interatividade social dos indivíduos, o complexo constituído por sociabilidade e atividade, para ser o que é, na série articulada de seus aspectos mais distintivos; exprimindo, então, aquele complexo:

essa denominação linguística exprime tão-somente como representação {*Vorstellung*} o que a repetida confirmação da experiência produziu, a saber, que certas coisas exteriores servem para satisfazer as necessidades dos homens vivendo juntos em dadas relações sociais (o que a existência da linguagem pressupõe necessariamente). Os homens somente colocam um nome particular (*generic*) nessas coisas, porque sabem já que elas servem para satisfazer suas necessidades, porque ele a elas se adere pela maior ou menor frequência com que se repete a atividade e, por isso, esforçam-se também em buscar possuí-las; eles as chamam por acaso de “bens” ou coisa análoga, o que significa que utilizam essas coisas na prática, porque essas coisas lhes são úteis, e eles dão {*geben*} às coisas esse caráter de utilidade como por elas possuído {*als von ihm besessen*}, se bem que dificilmente um carneiro pode ter como sua a propriedade “útil” de ser comestível pelos homens (Marx, 1962, p. 363).

A categoria “bens” não nasce, assim, primeiro como categoria pura, mas como um dos momentos determinados da relação prática dos homens com a natureza, dentro da qual os indivíduos sociais, em sua interatividade, *dão (geben) à coisa esse caráter de utilidade (Nützlichkeitscharakter) como possuído por elas*. Ou seja, é na atividade concreta que os indivíduos efetivos, *vivos e ativos* (para retomar outra determinação de *A ideologia alemã*), reconhecem ou conferem a utilidade à mundaneidade. Ato que precede ontologicamente à estimação, bem como à expressão desta na linguagem.

#### IV

Acresça-se a isso que, a partir também da posição crítica de Marx frente à especulação, abre-se a possibilidade de posicionar-se frente à produção contemporânea das ideias. Remetemos em especial a uma observação que vai de encontro à tematização do *Dasein heideggeriano*, ainda tão em voga e fundamento de boa parte da reflexão filosófica atual sobre o humano.

Em oposição ao modo de tratamento wagneriano do problema da gênese do valor, Marx observa que os homens, deparando-se com as coisas,

Como todo animal, eles as tomam {fangen}, por isso, *para comer, para beber* etc., portanto, não “se acham” em uma relação, mas *se comportam ativamente*, se apoderam de certas coisas do mundo exterior pela ação, e então satisfazem suas necessidades. (Eles começam, portanto, com a produção.) Pela repetição desse processo, a propriedade que essas coisas têm de “satisfazer as necessidades” se gravam no cérebro deles, os homens, como os animais, apreendem a distinguir também “teoricamente”, de todas as outras, as coisas exteriores que servem para satisfazer suas necessidades (Marx, 1962, p. 362).

Frente ao *ente derrelito, lançado no mundo, achando-se em relação* com as coisas *in abstracto*, partindo da posição marxiana, poder-se-ia objetar: os homens não apenas se encontram *aí* com respeito ao mundo e suas coisas. Os homens não simplesmente “se acham” (*zu stehen*), *mas se comportam ativamente (sich aktiv zu verhalten)*, apoderando-se praticamente das coisas do mundo, apropriando-se delas, fazendo-as “suas” – *Sie beginnen also mit der Produktion* – daí a precedência ontológica também do prático sobre o teórico, este último sendo, aqui, neste nível de abstração, resultado da reiteração continuada do processo de apropriação real do mundo objetivo. Manifestamente, Marx aponta a objetividade sócio-histórica do ato de produção, e isso não obstante inicie localizando a atividade humana como uma das formas de relação vital entre entes vivos e seu ambiente. Contra toda tentação teórica de separar de antemão um âmbito exclusivamente humano, pressupondo um *a priori* transcendental qualquer – seja o *sujeito moderno (subjetividade racional pura)*, seja o terreno de uma *pré-compreensão* –, a reflexão marxiana remete o humano ao seu existir concreto, de *vivente*, no mundo de objetos e relações. Entretanto, não se trata de um existir da mesma modalidade de outros viventes ativos, mas de um tipo particular de comportamento ativo – a produção dos próprios meios de existência – frente à, e a partir da, mundaneidade material mesma. Em outros termos, *Eles começam, portanto, com a produção*. E não com uma atividade interior, autoconsciente de si, tomada como agente ou sujeito, e sim como concretude imediata, como haver-se com o mundo material para obter a continuidade de sua existência. Atividade que, ao repetir-se, ao reproduzir seus padrões e suas condições no tempo, não somente ajunta novas determinações e/ou altera as antigas, mas, passando por este processo, os homens a adensam, espessando o fluir da temporalidade humana pelo domínio em graus cada vez mais complexos, e mesmo complicados, da mundaneidade. Complexificação que pode exprimir-se, por exemplo, no espelhamento categorial do humano na teoria filosófica e nas ciências.

**Referências bibliográficas:**

CHASIN, J. *Marx: Estatuto Ontológico e Resolução Metodológica*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

MARX, K. “Ökonomische Manuskripte 1857/1858”. *In: Marx-Engels Werke*, Band 42. Berlin: Dietz Verlag, 1983.

\_\_\_\_\_. “Randglossen zu Adolph Wagners ‘Lehrbuch der politischen Ökonomie’”. *In: Marx-Engels Werke*, Band 19. Berlin: Dietz Verlag, 1962.

\_\_\_\_\_; ENGELS, F. “Die deutsche Ideologie”. *In: Marx-Engels Werke*, Band 3. Berlin: Dietz Verlag, 1969.